



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

ANTONIA RAIANE ALEXANDRE LOURENCO

**RELAÇÕES SÁFICAS: UMA ANÁLISE SOBRE A HETEROSSEXUALIDADE
COMPULSÓRIA ENTRE ESTUDANTES LÉSBICAS DA UNILAB**

ACARAPE- CE

2024

ANTONIA RAIANE ALEXANDRE LOURENCO

**RELAÇÕES SÁFICAS: UMA ANÁLISE SOBRE A HETEROSSEXUALIDADE
COMPULSÓRIA ENTRE ESTUDANTES LÉSBICAS DA UNILAB**

Projeto de pesquisa apresentado como trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharelado interdisciplinar em humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro-Brasileira (UNILAB)

Orientador: Prof. Dr.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo analisar os processos de construção da identidade lésbica entre estudantes universitárias da UNILAB. Surgindo a importância de compreender como as pressões que circulam em torno dessas mulheres podem impactar e influenciar na construção da identidade lésbica. A pesquisa se desenvolverá através dos objetivos específicos, entre examinar como os estigmas da heterossexualidade influenciam as relações entre mulheres lésbicas; entender como a heteronormatividade afeta as dinâmicas sociais e afetivas de mulheres autodeclaradas lésbicas. A proposta de análise se apoia na necessidade de compreender o estilo de vida de mulheres lésbicas dentro de aspectos relacionados à heterossexualidade compulsória. A pesquisa utilizará a etnografia como método central, assim como as entrevistas semi-estruturadas, pesquisa exploratória e explicativa.

Palavras-chave: Identidade Lésbica; Heterossexualidade; heteronormatividade; Compulsoriedade

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA	9
3. OBJETIVOS	11
3.1 OBJETIVO GERAL	11
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
4. REFERENCIAL TEÓRICO	12
4.1 HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA	12
4.2. ESTIGMAS E INVISIBILIDADE LÉSBICA	15
5.METODOLOGIA	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. INTRODUÇÃO

A estrutura sócio-histórica a respeito das sexualidades encontra-se entre várias interpretações que se modificam ao seu tempo e espaço, onde a existência ainda da invisibilidade segue sendo um dos elementos dentro dos estudos de gêneros e feministas ainda normativo. Tendo em contraposição que ainda se encontram nesses estudos um olhar onde a sexualidade, interpretada por intermédio de uma cultura binária, heterossexista e compulsória, tem sido utilizada como controle dos corpos de todas as pessoas que não se enquadram na construção de um “normal” (Irineu, Feiten, Allemand, 2022, p.11).

Assim, ações como essas acabam por dificultar de forma compulsória a existência de interações entre mulheres, sejam essas cisgeneras, transsexuais ou travestis declaradas lésbicas no âmbito social e político. Consequentemente essas mulheres, enquanto agentes sociais, são negligenciadas e rejeitadas por não reproduzirem as normas de gênero que mulheres cisgênero e heterossexuais estão inseridas.

Historicamente as relações românticas entre mulheres eram vistas de diversas formas, visto que na antiguidade, a “sodomia feminina” não era vista como crime. Desde modo, Torrão Filho (2000, p. 144) alude que “para que houvesse a sodomia feminina perfeita era necessário que houvesse penetração no “vaso traseiro”, fosse de uma mulher ou de outro homem, com o derramamento de “semente”, ejaculação”. Além disso, já na Grécia antiga, as relações românticas entre mulheres eram percebidas, mas vistas como interações inocentes e sem ameaças às cidades-estado gregas, uma vez que mulheres gregas não gozavam de direitos civis como cidadãs livres, como os homens. Um exemplo disso foi Safo de lesbos¹ uma figura importantíssima na história da Grécia antiga, mas infelizmente pouco reconhecida, principalmente por muitas mulheres e por algumas estudantes lésbicas da UNILAB, de modo que sua existência foi invisibilizada na história, diante de uma sociedade sexista de sua época e durante toda história. Além disso, não podemos esquecer de tantas outras mulheres que tiveram suas histórias apagadas

¹ Segundo Torrão Filho (2000) Safo (625? -580? A.C.) foi uma poetisa grega que nasceu na cidade de Mitilene, em Lesbos. Suas obras foram cultuadas na antiguidade sendo considerada por Platão a Décima musa do olimpo. Seu nome na antiguidade identificava o amor entre mulheres (Sáfico) o local de seu nascimento, Lesbos, identifica atualmente mulheres homossexuais (Lésbicas).

antes e após Safo que ainda permanecem desconhecidas.

No Brasil, temos o caso de Felipa de Sousa, de 35 anos, que em Salvador-Bahia foi açoitada publicamente durante a 1ª Visitação do Santo Ofício à Bahia, em 1592, denunciada por ter tido relações com algumas mulheres da cidade. Segundo De Barros Mott (1987), inúmeras mulheres da sociedade baiana daquela época mantiveram relações com Felipa. Por ser letrada, coisa difícil para a época, ainda mais por ser mulher, ela trocava cartas recados e presentes com as mulheres com as quais se relacionava. Diante disso, o termo sáficas² englobam mulheres que se relacionam entre si, independente de identidade de gênero e sexualidade, sejam elas autodeclaradas lésbicas, bissexuais ou panssexuais. Logo, as designações atribuídas a essas mulheres são intrinsecamente enraizadas em uma análise sócio-histórica, conforme delineado por Lívia Toledo (2011), pois desde a antiguidade, as relações entre mulheres existiam, e mesmo sendo pouco reconhecidas. Mulheres que se relacionam entre si são nomeadas de várias formas, como tríbades, fricatrix, safistas, sáficas, lésbias, lesbianas e lésbicas.

No entanto, apesar das definições estabelecidas e do reconhecimento das diversas manifestações das sexualidades femininas, a prevalência compulsória do apagamento das sexualidades femininas representa um obstáculo significativo para a investigação dessas identidades dentro do âmbito dos estudos de gênero. Embora que através de uma normatividade³ uma possível parcela de mulheres mesmo não sendo heterossexuais mas essas sendo cisgêneras são muito menos vítimas de violações dos direitos legais, visto que mulheres transsexuais, travestis e mulheres negras ainda têm seus direitos violados.

O fenômeno do apagamento persiste como uma manifestação do sistema patriarcal, que segundo Adriana Piscitelli (2009), é caracterizado pela dominação, subordinação e controle do corpo da mulher para fins reprodutivos e sexuais. As expressões de sexualidades femininas são ainda consideradas tabus e permanecem subexploradas tanto nos estudos acadêmicos quanto nas concepções normativas de feminilidade. Isso gera uma necessidade de buscar a revalorização do feminino e da diversidade como elementos essenciais a fim de transcender o impasse causado

² O sáficas diz respeito às mulheres que sentem atração, desejo ou afeto por outras mulheres independente da orientação sexual.

³ O termo configura-se aos padrões tanto sociais como os de gênero.

pelo sistema heterossexual e compulsório, sexista, racista e “estratificado por classes sociais”.

Logo, a heterossexualidade compulsória é um conceito criado por Adrienne Rich (1993), que para a autora a heterossexualidade é um sistema político que controla e retira o poder das mulheres. Nesse sentido, também pode ser atribuída a heterossexualidade compulsória um conjunto de pressões, sejam elas culturais, sociais, religiosas ou estéticas. Desse modo, ao direcionarmos o foco para as relações e interações entre mulheres, nos deparamos com complexidades provenientes da heteronormatividade, que exerce influência dominante sobre as normas de gênero, bem como as manifestações de machismo,sexismo, compulsoriedade e outras formas de violência e marginalização dentro do universo das mulheres sejam elas lésbicas, bissexuais, passexuais, cisgeneras, transsexuais e travestis.

Além disso, a negação da lesbianidade,muitas das vezes, se manifesta através da autoproteção, que por vezes, é projetada por mulheres, muitas vezes, estando em diáspora sofrem com pressões provenientes dos espaços de sua familiaridade e de sua sociabilização, que também se configuram como meios de controles para reprimir a sexualidade e negarem a existência da sexualidade dessas mulheres, visto que a forma com que esses indivíduos foram inseridos, a cultura e religião podem compactuar com essas dinâmicas.

Assim, surge a importância de compreender como as pressões que giram em torno dessas mulheres podem impactar e influenciar na construção da identidade e na vida de mulheres autodeclaradas lésbicas, no que diz respeito a estudantes da Unilab que se declaram como lésbicas. Dessa maneira, surge o problema central dessa pesquisa: de que maneira a heterossexualidade compulsoriedade afeta a construção da identidade lésbica de estudantes universitárias?

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objeto central de pesquisa, estudantes universitárias autodeclaradas lésbicas que passaram por experiências com a heterossexualidade compulsória durante a construção da identidade lésbica. Desse modo, a pesquisa irá se concentrar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, que se dimensiona nas

idades de Redenção e Acarape, no interior do estado do Ceará.

Assim, o trabalho traz como objetivo principal: analisar os processos de construção de identidades lésbicas entre estudantes universitárias da UNILAB. Já como os objetivos específicos são: examinar como os estigmas da heterossexualidade influenciam as relações entre mulheres lésbicas; entender como a heteronormatividade afeta as dinâmicas sociais e afetivas de mulheres lésbicas; e por fim, compreender como os dispositivos sociais e culturais contribuem para a heterossexualidade compulsória entre mulheres lésbicas.

A escolha do tema aqui trabalhado se justifica pela invisibilidade corriqueira e persistente enfrentada por mulheres lésbicas em relação a sua identidade de gênero e orientação sexual, em função da heterossexualidade compulsória e normatividade presentes em suas vidas e em torno da invisibilidade lésbica ainda presente na atualidade. Enquanto o resto da comunidade LGBTQIAPN+⁴ de certa forma é visibilizada, as diversas formas de ver as complexidades das sexualidades vividas pelas mulheres, muitas vezes são negligenciadas, marginalizadas e moldadas dentro das camadas da normatividade, apagando as complexidades e expressões dessas relações.

Em resumo, essa pesquisa é relevante para os estudos de gênero ao abordar as relações entre mulheres que sofrem ou já sofreram com os estigmas da heterossexualidade compulsória, ampliando assim o conhecimento acadêmico sobre as diversas camadas dessa problemática, ao revelar que mulheres lésbicas são prejudicadas por estarem fora dos padrões hegemônicos, tornando-as subalternas, o que pode reproduzir comportamentos e ações que contribuem para a sua deslegitimação.

Para a realização da pesquisa, este projeto está estruturado da seguinte

⁴ Segundo Moreira (2022) a sigla BLGTQAPN+ abrange o termo (L) Lésbica sendo mulheres que se relacionam com outras mulheres. Já (G) Gay, termo designado a homens que se relacionam com outros homens, (B) Bissexuais pessoas que se relacionam e se sentem atraídas por homens e mulheres. (T) Transsexuais e Travestis, alguém que passou por transição de gênero, (Q) Queer, pessoas que movem-se entre os gêneros, (I) Intersexo, pessoas com particularidades tanto femininas como masculinas. (A) Assexuais, pessoas que não sentem atração por outras pessoas, (P) Panssexuais, alguém que se relaciona independente da identidade de gênero e orientação sexual. (N) Não Binário, alguém que não se identifica nem com o gênero masculino e nem feminino, cuja identidade e expressão não se limitam a ambos os gêneros. Já (+), engloba outras identidades, sexualidades e grupos.

forma: introdução, justificativa, objetivos, referencial teórico, metodologia, cronograma e referências bibliográficas.

2. JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa se apoia na necessidade de compreender o estilo de vida de mulheres lésbicas dentro de aspectos relacionados à heterossexualidade compulsória. Apesar das dimensões dentre as sexualidades serem complexas historicamente e socialmente, mulheres lésbicas dentro de suas individualidades podem compactuar, de maneira inconscientemente ou consciente, de reproduções e comportamentos heteronormativos e compulsórios dentro de sua lesbianidade. Diante do exposto, a relevância dessa pesquisa se justifica diante de, pelo menos, três razões:

Em primeiro lugar, o que levou para a construção desse projeto se baseou em minha vida pessoal. A partir de meus interesses e minhas inquietações em compreender a minha sexualidade, desde pequena e que ainda é complexa para mim. Assim como a sexualidade feminina como um todo, e dentro de suas dimensões, que me leva a querer pesquisar esta complexa linha de pesquisa, não somente em perspectivas acadêmicas, teóricas ou hipotetizadas, mas sim vividas por mim e por outras mulheres.

Tendo como base meu estilo de vida, sendo inteiramente formulado em um contexto familiar interiorano, religioso e heterossexualizado, tenciono também o meu interesse em compreender a dinâmica da normatividade, uma vez que uma série de fatores muito mais profundos possam problematizar tal fato. Além das minhas observações, questionários sobre a compulsoriedade que ainda é presente na vida de muitas mulheres que foram vistas e sentidas por mim a partir das relações que tive com algumas mulheres durante os três anos de graduação, além de poder assimilar, compreender e identificar a presença e troca de papéis também pré-estabelecidos dentro das relações entre mulheres.

Em segundo lugar, a pesquisa se baseia em fatores sociais que dificultam o reconhecimento da mulher lésbica e de suas identidades em sociedade, o aumento

dos números de casos de lesbocídio⁵ e feminicídio⁶ cometidos tanto por homens (familiares e desconhecidos) como por outras mulheres (parceiras), é um reflexo de um sistema que marginaliza as suas re-existências e suas identidades em periferias, cidades grandes e pequenas, pelo machismo, misoginia, pela repulsa de seu corpo, ou da sexualização de seus corpos, pela religião, família, solidão pela normatividade, alcoolismo, drogas, pobreza e pelas diversas outras violências simbólicas vividas dentro de sua sexualidade enquanto identidade política.

Por último, a razão para a realização da pesquisa se baseia em contexto acadêmico, tendo ciência de que este projeto pretende contribuir para os estudos feministas e de gênero tanto em uma perspectiva acadêmica, mas também desmistificando estereótipos e estigmas construídos que ainda hoje se fazem presentes na vida de mulheres sejam elas lésbicas, bissexuais ou panssexuais. Porém, percebi e descobri que no mundo acadêmico é possível se encontrar e fazer descobertas, e principalmente para muitas mulheres que estiveram e estão tendo suas sexualidades limitadas, escondidas e perseguidas por razões culturais, religiosas ou ainda por viverem na compulsoriedade.

⁵ Para (Peres,Soares,Dias, 2018) o lesbocídio se define como a morte lésbicas ocasionada pela discriminação,ódio e a repulsa contra a existência de mulheres lésbicas.

⁶ Termo designado ao crime de ódio e assassinato de mulheres,baseado na diferença de gênero.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os processos de construção da identidade lésbica entre estudantes universitárias da unilab.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Examinar como os estigmas da heterossexualidade influenciam as relações entre mulheres lésbicas.
- Entender como a heteronormatividade afeta as dinâmicas sociais e afetivas de mulheres lésbicas.
- Compreender como os dispositivos sociais e culturais contribuem para a heterossexualidade compulsória entre mulheres lésbicas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Com o propósito de destacar este referencial teórico com foco na compreensão da temática, trabalharemos com alguns autores diante de um levantamento bibliográfico que trata sobre os conceitos que estão ligados a este projeto de pesquisa. Por fim, a construção do referencial teórico se relaciona com teóricos e obras relacionadas às temáticas abordadas como Adrienne Rich (2010), Pierre Bourdieu (2012), Monique Wittig (2022), Paul Preciado (2014) e entre outros, proporcionando, assim, uma solidez diante da presente discussão.

4.1 HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Simone de Beauvoir (1970) em o *Segundo Sexo* discorre que não se nasce mulher, mas “torna-se”. Assim como para a autora Monique Wittig (2022) em seu livro *O pensamento Hetero*, “a lésbica não é uma mulher” (Wittig, 2022, p. 53). As afirmações provocam um desassossego, já que para Wittig (2022, p. 39) “a categoria do sexo é a categoria que marca as mulheres, pois não são entendidas fora dessa categoria”.

Adrienne Rich (1983) em seu ensaio intitulado *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*, afirma que a via da heterossexualidade compulsória é “por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível (Rich, 1993, p. 4). Diante disso, também se destaca concepção da existência da lésbica através das relações malsucedidas com homens ou casamentos heterossexuais fracassados.

Dessa forma, a heterossexualidade compactua para a manutenção das relações sociais, na coesão das mulheres, sobretudo na valorização das relações afetivo-sexuais heterossexuais. Logo, resultando no apagamento lésbico, que encontram-se nas más relações afetivas e sociais entre mulheres, nas relações ruins entre mãe e filha:

2) Ou forçá-las [à sexualidade masculina]—[por meio de estupro (inclusive o estupro marital) e agressão da esposa; do incesto pai-filha, irmão-irmã; da socialização das mulheres para que elas sintam que a “pulsão” sexual masculina consiste em um direito; da idealização do romance heterossexual na arte, na literatura, na mídia, na propaganda etc (Rich, 1993, p. 7).

Ao considerarmos as idealizações de uma mulher em sua totalidade, podemos perceber às representações regulamentadoras de uma sociedade heterossexual, que ainda segue em base de uma valorização e legitimidade dos estigmas de gênero construídos. Esses estigmas compactuam para o pensamento binário e “hétero” a respeito da sexualidade, diante construções sociais concebidas dentro de um princípio de que para ser uma mulher de “verdade” ou completa deve-se seguir valores que lhes foram destinados muito antes de seu nascimento, sendo um deles a heterossexualidade.

Logo, tais valores, principalmente os culturais, religiosos, familiares e nas relações interpessoais, são moldados e construídos dentro de uma identidade socialmente adaptada na base da heterossexualização. Essas adaptações refletem tanto sua corporeidade como em seus estilos de vida, sobretudo onde suas relações são direcionadas totalmente aos homens, oferecida e concebida como a “única” alternativa e fuga de fatores sociais ou como uma garantia de sua sobrevivência.

Dessa forma, conforme destacado por Swain (2010),

Nesse mesmo eixo, o corpo das mulheres é intensamente sexualizado, porém como objeto e não como sujeito da ação. Assim, “a mulher”, no singular, aponta para um coletivo que apaga as individualidades; “mulheres”, por outro lado, apresenta a conotação de inferioridade –, por exemplo, “mulheres e crianças”, “adultos e mulheres”. São compreendidas ainda como corpos desfrutáveis, mercadorias à disposição, receptáculos sexuais – “mulheres e bebidas”, por exemplo, “feitas para isso” tal como o são para procriar (Swain, 2010, p. 48).

Sendo assim, para filósofo Paul Preciado (2014):

A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (Preciado, 2014, p. 26).

Podemos relacionar que a compulsoriedade não se limita a uma moral imposta às práticas heterossexuais, mas também na sociabilização da mulher em que a mesma está inserida diante da negação de sua sexualidade a reprodução de preconceitos, como a homofobia. Assim, ao dizer que a lésbica não é uma mulher Wittig (2022) ressalta que “O que faz da mulher ser uma mulher é a relação social específica a um homem, uma relação à qual chamamos anteriormente de servidão, uma relação que implica obrigação pessoal e física, assim como obrigação

econômica” (Wittig, 2022, p. 53).

Conectando-se ao pensamento de Foucault (1988), em que ele sustenta que a sexualidade é um mecanismo histórico sendo, nesse sentido, sendo ela uma construção social, onde os corpos dissidentes, como no caso de corpos dissidentes, como o corpo lésbico são subalternizados. Dessa forma Louro (2000) ressalta que “Desta forma, a mulher é representada como “segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma social” (Louro, 2000, p. 9).

Por isso, “são corpos afetados na sociedade por estarem posicionados na contramão de estruturas cisnômicas, corpos com deficiência, gordos, marcados pelo sexo, gênero, território, classe, raça e geração” (Fatuma, 2023, p. 82). Assim, para Preciado (2014) a heterossexualidade é um dispositivo social de criação de feminilidade e masculinidade se organizando através da classificação do corpo. À vista disso, Pierre Bourdieu (2012) menciona que:

Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e à contenção que convêm às mulheres, continuam a lhes ser impostas, como que à sua revelia, mesmo quando deixaram de lhes ser impostas pela roupa (como o andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos) (Bourdieu, 2012, p. 40).

Assim, corpos subalternizados são moldados e marcados pelo pagamento de suas existências e pela compulsoriedade, sendo essa uma ferramenta usada pelo sistema normativo manipulando e oprimindo. Diante disso, Wittig (2022) afirma que “as lésbicas são escravas desertoras, escravas fugidas; as esposas desertoras também o são e elas existem em todos os países, porque o regime político da heterossexualidade representa todas as culturas” (Wittig, 2022, p. 81).

Desta forma, Swain (2010) também discorre que,

A heterossexualidade é, da mesma forma, politicamente compulsória, o que significa um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao masculino, construindo-o de forma imperiosa como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importância social (Swain, 2010, p. 47).

Diante do exposto, é percebida a conciliação das dinâmicas da heterossexualidade compulsória na construção da figura da mulher e como ela é formada nos ideários voltados para uma sexualidade pré-estabelecida, tal qual nas reproduções de estigmas que acabam por inviabilizar de forma pertinente a existência e resistência da lésbica entre os estigmas, e invisibilidade lésbica.

4.2. ESTIGMAS E INVISIBILIDADE LÉSBICA

A sexualidade feminina encontra-se ainda sob as restrições impostas pelo patriarcado e pelas marcas da sexualidade, que não somente afetam as mulheres, mas também o seu contexto social. Deste modo, Louro (2000) menciona que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 2000, p. 6).

Ademais, nesta seção, iremos discutir os estigmas sociais que influenciam a invisibilidade lésbica pensando nos esteriótipos construídos ao seu entorno, porém, essas problemáticas ainda sendo usadas como suporte das opressões que são persistentes como mecanismo que anulam suas vivências enquanto mulheres que estão nas amarras do gênero, raça e sexualidade. Portanto, Canciani e Rosa (2019, p.101) ressaltam que a “invisibilidade lésbica causada pelo apagamento social das mulheres com praticas afetivo-sexuais voltadas para outras mulheres produz uma série de violências para os sujeitos envolvidos nesse contexto”.

Com uma sociedade dividida por categorias de gênero, a invisibilidade lésbica também está relacionada aos estigmas que são reforçados através dos papéis sociais e comportamentos que são mantidos sob o controle da normatização, onde as idealizações do corpo feminino compactuam para o apagamento daqueles que escapam da ordem heterossexual, a não ser quando são vistas através do erotismo ou fetichização.

Assim, Toledo (2007) refuta que:

As formas como as mulheres eram pensadas foram muitas em diversos momentos históricos, sendo vistas desde facilmente “corrompíveis” pelos pecados da carne até como naturalmente dóceis, sentimentais, maternos e passivas (social e sexualmente), atributos estes entendidos como próprios da feminilidade. Em relação às sexualidades femininas, na época vitoriana, no fim do século XIX, as opiniões social e científica

consideravam que as mulheres apenas tinham relações sexuais para cumprir com suas obrigações do matrimônio, sendo, deste modo, quase impensável que tivessem atos sexuais entre elas (Toledo, 2007, p. 174).

Desse modo, os estigmas que mulheres lésbicas enfrentam estão entrelaçados nas estruturas sociais e culturais, tanto no ocidente como nas demais sociedades, o patriarcado determina as normas e dita as regras de sexualidade e de gênero, privilegiando a heterossexualidade como padrão, além de relacionar a existência da lésbica através de esteriotipos. Podendo, então, gerar não apenas as expectativas de que todas as mulheres procurem relações com homens, mas também obrigando-as, formando o que Adrienne Rich (1993) chama de “heterossexualidade compulsória”.

Logo, segundo Lucas e Taborda (2022):

Mulheres lésbicas que se transpuseram ao modelo de feminilidade tradicional, expressando características consideradas como masculinizadas são frequentemente marginalizadas. Isso porque ao rejeitar tradicionalismo de gênero a mulher lésbica passa a ser considerada como um sujeito fora da ordem “mulher”, que inclusive é indagada sobre um possível desajuste de hormônio, formas corporais e genética”(Lucas e Taborda, 2022, p. 194).

Dessa maneira, como destaca Toledo (2007) que:

O que mulheres lésbicas fazem não é sexo” em que se discute a respeito da sexualidade feminina sendo vista de maneiras diversas no decorrer da história, entretanto sempre pautando o prazer feminino no falo masculino. Assim, na crença de uma sexualidade genitalizada, para que uma mulher sinta prazer é visto como necessária a penetração de um pênis, ou, no mínimo, um substituto deste. Tal era, e é ainda, essa crença presente, que mulheres lésbicas, em muitos momentos, não eram condenadas por suas relações com outras mulheres se não houvesse uma penetração (Toledo, 2007, p. 7).

Desse modo, Rich (1993) salienta que:

A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar (Rich,1993, p. 27).

Em virtude disso, Santana e Rasera (2018) refuta que:

A existência da invisibilidade lésbica tem também uma ligação clara com determinados estereótipos que atribuem aos indivíduos papéis sociais e atitudes de acordo com seu sexo biológico, priorizando a superioridade masculina. Dessa forma, as pessoas que fogem a essa regra podem vir a sofrer diversos tipos de violência, especialmente mulheres que fogem à

norma e ameaçam, de algum modo, a supremacia masculina (Santana,Rasera, 2018, p. 38).

Desse modo, Fattuma (2023) também ressalta que as:

Experiências de mulheres negras, indígenas, trans e cis que são sapatonas, lésbicas e bissexuais assumem uma política sexual que resiste aos controles sociais e institucionais, construídos nas norms colonizadoras de gênero. Assim, a ausência de dados interdita a possibilidade de fomentar, construir e exercer políticas que promovam a proteção, a defesa e a garantia de direitos das mulheres que divergem da sexualidade hegemônica (Fatumma, 2023, p. 169).

Diante do exposto, podemos compreender que tanto os estigmas como a invisibilidade lésbica são problemáticas referentes à regulamentação de uma estrutura social normativa, que ainda é fortemente presente na atualidade, que desconsidera e apaga outras relações a não ser a heterossexual, do mesmo modo, deslegitimando e invisibilizando a mulher enquanto lésbica, como silencia e apaga outras identidades. De modo geral, esses processos não somente impossibilitam os acessos a direitos, mas também colaboram para as discriminações e violências vividas por mulheres lésbicas e também por aqueles que estão fora da normatividade.

5.METODOLOGIA

O presente trabalho utilizará a ,princípio, a etnografia como método central para a construção da pesquisa de forma qualitativa, tendo como principal objetivo a análise do processo de construção da identidade lésbica entre estudantes universitárias. Desse modo, a escolha da etnografia se fundamenta na necessidade de compreender,através das estudantes universitárias da Universidade da integração internacional da lusofonia Afro-Brasileira, autodeclaradas lésbicas, os processos e experiências, com a heterossexualidade compulsória através da construção da identidade lésbica. Logo,

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos (Mattos, 2011, p. 51).

Dessa forma, a etnografia também foi escolhida como uma maneira de aproximar-me do meu objeto de pesquisa de forma aprofundada, assim, para Costa (2018, p.2), a “etnografia é uma das metodologias empregadas para o estudo de temas das ciências sociais. Um dos objetivos da etnografia é estudar a cultura (organizacional) e o comportamento de grupos que se reúnem segundo alguma regra social”.

Nessa perspectiva, o uso de uma pesquisa qualitativa será fundamental para elaboração das entrevistas semiestruturadas sendo essa uma técnica de pesquisa que juntamente será usada para a coleta de dados onde serão desenvolvidas a partir de minha inserção frequente em ambientes frequentados pelas interlocutoras que será através da observação participante.

Dessa forma, (Gill, 2002, p. 55) salienta que “a pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”. Nessa perspectiva, o uso das entrevistas como técnica será essencial para a obtenção dos resultados que iram ser coletados a partir das respostas obtidas através das entrevistas semiestruturadas, que iram ser formuladas e aplicadas, sobretudo com foco em estudantes com idade entre 20 e 30 anos, desta maneira, conforme salientado por Quaresma (2005):

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele (Quaresma, 2005, p. 75).

Logo, também serão necessário o uso da pesquisa exploratória e explicativa visto que a escassez de documentos e poucos estudos relacionados à temática trabalhada neste projeto de pesquisa se fundamentou a importância do uso desses métodos que serão necessários durante a pesquisa, dessa maneira Gil (2008) destaca que:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (Gil, 2002, p. 41).

Logo, Gil (2002) destaca também a respeito da pesquisa explicativa que:

Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (Gil, 2002, p. 42).

Diante disso, é válido destacar que a pesquisa irá ser realizada e desenvolvida em um espaço influenciável, uma vez que se passara na UNILAB e que conseqüentemente se encontra em um espaço com diferentes maneiras de visualizar o cotidiano e a sociabilização do objeto de pesquisa, devido também da universidade ser de caráter internacional vinculado a países lusófonos e se encontrar no interior do estado do Ceará, podendo também entender o cotidiano dessas mulheres dentro de suas particularidades, igualmente visualizando as dinâmicas das interlocutoras e seus ciclos de sociais, desta maneira a pesquisa também irá adentrar de modo interseccional para que uma compreensão mais detalhada seja concebida.

Conseqüentemente, a pesquisa poderá ser visualizada tanto sob uma ótica territorial como social e também política que poderá ser que através dos meus diálogos com as interlocutoras, mantendo e priorizando a ética, e por conseqüência será mantido o anonimato das participantes durante todo o percurso das entrevistas.

Contudo, por mais que esse projeto destaque a importância de contribuir para os estudos acadêmicos, o mesmo poderá se encontrar em limitações ou mudanças durante o percurso da pesquisa, visto que os métodos e técnicas de pesquisa poderão ser alterados de acordo com os resultados obtidos através do percurso da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Raíssa Lé Vilasboas; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. A construção do Pensamento Lésbico na América Latina e seus impactos nas universidades federais brasileiras: Um estudo de caso na Universidade Federal da Bahia.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

COSTA, António Pedro et al. Ethnographic Approach: a methodology, many possibilities of use in research. **CADERNOS EDUCAÇÃO TECNOLOGIA E SOCIEDADE**, v. 11, n. 2, p. 206-213, 2018.

DE SANTANA, Paula Ferreira; RASERA, Emerson Fernando. Heterossexismo e a (in) existência lésbica. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 17, n. 1, p. 34-49, 2018.

DE BARROS MOTT, Luiz Roberto. **O lesbianismo no Brasil**. Mercado aberto, 1987.

DE SÁ LUCAS, Luana Medeiros; TABORDA, Jeferson Camargo. ESTIGMATIZAÇÃO DO CORPO LÉSBICO: MULHERES LÉSBICAS QUEREM TORNAR-SE HOMENS?. **ANAIS DO SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS**, v. 1, n. 1, p. 193-202, 2022.

FOUCAULT, Michel. **F86h História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FATUMMA, Dedê. Lesbianidade. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.

LIMA, Aleska Trindade et al. **eminismo das Maiorias**. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Ed.2 Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e**

educação: conceitos e usos. EDUEPB, 2011.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Por trás do monograma do movimento LGBTQIAPN+: vidas, representatividade e esclarecimentos. **Revista Temporis [ação](ISSN 2317-5516)**, v. 22, n. 02, p. 20-20, 2022.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito In: ALMEIDA, HB de; SZWAKO, J. E.(Orgs.). **Diferenças, Igualdade-Coleção Sociedade em Foco. São Paulo, Berlendis e Vertecchia Editores**, 2009.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. **São Paulo: n-1 edições**, 2014.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017.** Livros Ilimitados Editora e Assessoria Ltda., Autoral, 2018.

REIS, Wagner Roberto Locks et al. " ChanacomChana também é bacana": lésbicas e comunicação militante na abertura política brasileira (1981-1987). 2024.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Apontamentos sobre a construção sócio histórica de estigmas e estereótipos em relação ao homoerotismo entre mulheres.** Revista de psicologia da UNESP 10(1), 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/465cc600-1b9c-4fb0-8815-26ca01980ecc>. Acesso em: 10. Jul. 2023.

TOLEDO, Livia Gonsalves. Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade. **Trabalho apresentado em anais de evento. XIV Encontro Nacional da Abrapso. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro**, 2007.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tribades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história.** Edicoes GLS, 2000.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios.** Autêntica Editora, 2022.